

Nossa filha era inteligente, adorável, popular, bem sucedida – «perfeita» em todos os sentidos, achávamos nós; então, numa noite terrível, tentou pôr fim à vida

«Amor não basta»

MARGARET STERN MATTISSON

MEU MARIDO, Mike, e eu estamos sentados na terceira fila do auditório, à espera que nossa filha Katie seja chamada para receber o diploma. Mike aperta minha mão e sorri. Sentimo-nos orgulhosos e reconhecidos. Houve tempo em que eu não podia imaginar que Katie se formasse na faculdade. Recordo-me desse tempo...

ESTÁVAMOS no meio do ensaio geral de *H. M. S. Pinafore*, na igreja do nosso bairro. Como elemento do coro, eu usava um vestido engomado, cor-de-rosa brilhante, e estava ao lado de mais nove senhoras, todas elas donas-de-casa como eu, que se tinham oferecido como voluntárias para o espetáculo destinado a angariar fundos para as nossas campanhas. Uma das zeladoras da igreja entrou, fez um sinal para chamar minha atenção e anunciou: «Telefone.»

Dirigi-me ao gabinete, convencida de que seria Mike dizendo que ficaria trabalhando até tarde, ou Joe, nosso filho mais velho, telefonando da faculdade, ou Jimmy, retido no treino de futebol, ou Katie, nossa ajuizada filha de 16 anos, perguntando o que devia fazer para o jantar.

«Alô», disse eu. Ninguém respondeu.

«Alô», repeti, e ouvi um débil apelo: «Mamãe, venha para casa.» Era Katie. Algo não ia bem.

«Que foi?», gritei.

«Venha para casa... Por favor, venha», foi a única resposta. Difícilmente reconheci sua voz.

«Vou já, Katie; mas que é? Que aconteceu?»

«Tomei... para dormir... dormir... dorm...» Ouvi o telefone cair no chão, e nada mais.

Durante um breve e terrível momento, não me mexi, paralisada pelo medo. Comecei em se-

guida a remexer desajeitadamente em minha bolsa, procurando as chaves do carro. «Por favor», consegui dizer à funcionária, «mande uma ambulância a minha casa para levar Katie ao hospital.» Depois corri para meu carro.

Cheguei ao hospital logo após a ambulância de Katie. Não quiseram me deixar vê-la.

Tremendo de medo, liguei para o escritório de Mike. «Venha ao hospital, Mike. Algo terrível aconteceu com Katie», arquejei. Pela primeira vez, desfiz-me em soluços.

A enfermeira da recepção tirou-me o telefone das mãos e me levou para uma pequena sala-de-espera de onde podia observar a porta de Katie. Eu continuava com meu vestido de *Pinafore*, mas nem liguei.

À medida que os minutos passavam lentamente, a realidade começou a atingir-me. Katie tinha tomado comprimidos para dormir. *Comprimidos para dormir*. Propositadamente. Uma palavra se formou em meu espírito. Tentei não pensar nela. Tornou a formar-se. Não podia evitá-la: *Suicídio*. Katie tinha tentado suicidar-se! Não. Katie, não. Nunca!

Katie era a criança mais amada e desejada do mundo, a criança perfeita, nosso orgulho e alegria. Tinha cabelos dourados e olhos azuis como o céu. Seus professores, desde o dia em que entrou para o jardim-de-infância, adoravam-na, embora por vezes pensás-

semos que a elogiavam um pouco demasiado. Enquanto as outras jovens caíam naqueles exageros da primeira adolescência que desgostam os pais, Katie continuou sendo a alêgria da casa. Não conversava às escondidas com outras moças sobre sexo, nem «perseguia» os rapazes. Não furtava nas lojas nem fumava marijuana. Todos os anos, invariavelmente, era eleita chefe da turma, e por três anos consecutivos ganhou a Medalha de Mérito.

Mike e eu nunca puxávamos por ela para que obtivesse bons resultados; ela os conseguia por sua própria iniciativa. Tinha boas notas, figurava habitualmente no quadro-de-honra, tocava piano, escrevia poesia e fazia com aplicação seus deveres de casa. Como nós a amávamos!

Meu devaneio foi quebrado pela chegada frenética de Mike ao hospital. Precipitei-me para ele e apertamos as mãos com força. Nesse momento, um médico abriu a porta do quarto de Katie. Vimos sua figura imóvel, coberta com um lençol, sobre uma mesa. Estava ligada a um emaranhado de tubos, como fios de uma central telefônica. O médico aproximou-se de Mike e de mim. Tinham feito uma lavagem de estômago em Katie, disse ele. Estava ainda inconsciente, mas pensavam que ficaria boa. Um de nós devia ficar junto dela. Dissemos que sim, com a cabeça, sabendo antecipadamente que ficaríamos os dois.

«Quem é o seu psiquiatra?», perguntou o médico. Mike e eu trocamos olhares incrédulos. «Não temos nenhum», disse Mike.

«Mandarei então o psiquiatra do hospital.» Sua voz era perfeitamente normal. «Será melhor ir para o quarto dela, agora. Poderemos ter dificuldades quando acordar.»

Katie estava deitada numa cama estreita. Mike e eu nos sentamos, ele aos pés da cama e eu ao lado. Peguei na mão de Katie. Estava fria, sem reações. Passou uma hora. Duas horas. Uma pergunta não formulada ressoava entre nós: *Por quê?*

Sim, por quê? Katie era cheia de qualidades. Katie era feliz. Katie era amada. Katie se dava bem com seus amigos e professores, com seus irmãos e mesmo (maravilha das maravilhas) com seus pais. Então, por quê?

Não havia resposta.

Passado muito tempo, Katie começou a gemer. À medida que os gemidos iam aumentando, seu corpo principiou a se agitar desordenadamente de um lado para outro.

«Katie», murmurei. «Katie, é mamãe e papai. Estamos aqui.» Seu gemido aumentou, os lábios procuravam formar palavras, o corpo se debatia.

Enxugando-lhe a testa, encostei meu rosto ao seu. «Sou mamãe e...» Antes que pudesse terminar, Katie proferiu uma série de improperios que me fizeram recuar,

aturdida, para meu lugar. Katie nunca tinha dito palavras feias.

Mike saiu para chamar a enfermeira. Voltaram imediatamente, a enfermeira trazendo umas correias cinzentas que pareciam cintos do exército. Indiferentemente, sem uma palavra, começou a prender os tornozelos e os pulsos de Katie, que se esforçava por se levantar; seu rosto estava contraído, suas costas arqueadas para se libertar. Quando a enfermeira lhe passou uma toalha úmida pela face, Katie procurou mordê-la no pulso como um animal. Seguiu-se outra enxurrada de improperios.

Assim a noite passou. Durante breves momentos, Katie repousava, mas em períodos mais prolongados retorcia-se, dava puxões, gritava, exprimindo seu rancor. Quando um interno lhe desamarrou os braços para examiná-la, ela deu-lhe um soco e deixou-lhe o nariz sangrando. Depois deu um pontapé nos óculos de uma enfermeira que tentava mudar os lençóis. Finalmente, por volta das seis da manhã, adormeceu.

Mais tarde, quando Katie despertou, tentou falar, mas tinha a boca demasiado seca. Levei-lhe um copo de água aos lábios. Desamarrei as correias que a prendiam. Ela sorriu. Mike e eu nos voltamos um para o outro, contendo as lágrimas.

«Onde estou?», murmurou quase imperceptivelmente Katie.

«No hospital, Katie», respondeu Mike, querendo me tranquilizar.

Katie esfregou os pulsos. «Sonhei... Pensei que sonhava.» Calou-se. Seu rosto tinha uma expressão confusa. «Não posso acreditar... tudo isto... Parece que me lembro... Odiava tudo e todos.»

«A nós também, Katie? Principalmente a nós?», perguntou-lhe Mike.

«Não, principalmente a mim», respondeu ela, e fechou os olhos.

Pouco depois, entrou o Dr. Mathews, psiquiatra do hospital. Pediu-nos que saíssemos e ficou uma hora com Katie. Quando voltou, levou-nos para um pequeno gabinete. «Katie é uma jovem muito transtornada», disse ele. «Não se aceita como é. Foi por isso que tomou sedativos.»

«Mas ela é maravilhosa – tem sido sempre», arrisquei. «Ela tem de saber isso.»

O Dr. Mathews continuou calmo. «Ela sabia que vocês pensavam assim, e tentou ser, sentia que *tinha de ser*, aquilo que vocês pensavam que ela era. Foi isso que nos disse a noite passada.»

«Por que desta maneira?», perguntei. «Por que ela simplesmente não nos contou isso antes? Nós conversávamos tantas vezes!»

«Katie não queria desapontá-los; não desejava que ninguém pensasse que não era tão formidável como todos supunham que fosse. Todos nós queremos ser amados, como vocês sabem, e ela pensava que agir bem fazia com que as pessoas a amassem – mesmo seus pais. Katie acha que não é gente;

porisso, não importa se ela morrer. Esta é minha grande preocupação agora.»

«Então ela pode vir a tentar novamente?», perguntou Mike.

«Sim. É por isso que eu quero interná-la num hospital psiquiátrico durante algum tempo.»

Mike e o Dr. Mathews continuaram conversando mas eu não os ouvia. Meu espírito se obscureceu. Regressei ao mundo (atorrada e incrédula) no momento em que eles decidiram sobre o hospital para onde Katie devia ir. «Sabem, não é a primeira. Haverá outras jovens lá», explicou o Dr. Mathews. Levantou-se e contornou a mesa, caminhando em nossa direção. «Ela gosta muito de vocês, sabem?»

«E nós dela», disse Mike.

«Eu sei.»

«Então, por que ela fez isso?», insisti.

«O amor não basta. Ninguém pode existir como reflexo do amor de outrem. Cada qual tem de ter sua própria personalidade.» Seguiu-se longo silêncio. «Ela a terá.»

Voltamos para o quarto de Katie. Estava deitada de costas, com a cabeça de lado, o cabelo caído sobre o travesseiro. Parecia calma, como a Katie que pensávamos conhecer, mas no interior (onde nunca tínhamos podido ver) fervilhavam ressentimento e aversão por si própria, atados pela imagem do nosso amor, tão dolorosamente como seus pulsos haviam estado amarrados durante a noite.

Katie passou cinco meses no hospital. Perdeu esse ano escolar e decidiu não se matricular no outono. Em vez disso, conseguiu trabalho numa loja. Não dissemos nada. Estávamos aprendendo a compreender.

Em dezembro, achou que estava pronta. Voltou à escola, para o terceiro ano, e se formou ano e meio depois. No mês de setembro seguinte, entrou para a faculdade.

MIKE me lança um olhar e acaricia minha mão. Chamaram o nome de Katie. À medida que ela avança para o palco, o locutor vai anunciando seus êxitos: grau de bacharel *magna cum laude* e eleição para a

Phi Beta Kapa (associação honorífica de confraternização de estudantes universitários e graduados, cujos membros são escolhidos por seu elevado nível acadêmico). Ao regressar ao lugar, os olhos de Katie encontraram os nossos; então, ela sorri e encolhe ligeiramente os ombros.

Depois, todo mundo nos felicita. Mike e eu sorrimos e agradecemos. Só ele, eu e Katie sabemos que, por detrás desse ritual, se encontra o verdadeiro «agradecimento», por algo por que ela lutou e conseguiu muito acima das honras da formatura. Por essa luta ela tem agora sua recompensa. Encontrou sua personalidade.

OS MARINHEIROS estavam formados no convés do porta-aviões *Implacable* e o almirante chegou para fazer uma preleção sobre a vantagem de ser-se esperto perante uma situação militar.

Subitamente, arrancou da cabeça o boné cheio de galões dourados e o jogou na frente de um dos marinheiros, berrando: «Rapaz! Você está no campo de batalha e isto é uma mina lançada por um avião inimigo. Que é que você faz?»

Sem dizer palavra, o marinheiro deu um passo em frente, saiu da formatura e chutou o boné do almirante para o mar. — J. P. T.

HÁ ALGUNS anos, Otto Klemperer, o grande maestro alemão, e George H. Mendelssohn-Bartholdy, da diretoria da Vox Productions, entraram numa loja de artigos musicais. Klemperer dirigiu-se ao jovem que estava ao balcão e perguntou: «O senhor tem a Quinta Sinfonia de Beethoven, regida por Klemperer?»

«Não», disse o jovem. «Temos por Ormandy e por Toscanini. Por que o senhor a quer regida por Klemperer?»

«Porque eu sou Klemperer!», berrou ele, indignado.

O jovem examinou o maestro friamente durante alguns segundos. Depois, seu olhar desviou-se para George e disse: «E este senhor é Beethoven, suponho.»

«Não!», gritou Klemperer. «Este é Mendelssohn!»

— P. M.